

Invasões Francesas – Santa Comba de Seia

Foi Massena, o estratega exímio, cujo talento militar o próprio Napoleão admirava, que comandou a 3ª Invasão Francesa que tantos males haveria e causar à Beira.

Decorria o mês de julho de 1810, quando vindo da Cidade Rodrigo, Massena atacou pela primeira vez a Vila de Almeida. Mas, só a 15 de setembro se deu a invasão em massa, devido, a uma terrível explosão do paiol do castelo que, abrindo enormes fendas nas muralhas, levou a capitular o desanimado tenente-rei da praça Costa e Almeida. Distinguiu-se nesse cerco Francisco Pinto de Mendonça Arrais filho do «padroeiro» da Igreja de Santa Comba de Seia que, com grande coragem e sangue-frio, domina o pânico, reorganiza rapidamente as forças e continua a bater-se.

A 16, já os franceses avançam em direção a Celorico da Beira, atravessando no dia seguinte o Mondego e semeando ao mesmo tempo o medo e a destruição entre as populações forçadas a abandonar os povoados.

Wellington, comandante do exército anglo-luso, que chegou a ter o seu quartel-general na Casa das Obras de Seia, esperava-o no Bussaco, onde, após violentos recontros, inflige a Massena pesada derrota. Este, desesperado pela falta de guias que o orientassem e pela solidão das povoações, perde 4498 homens na refrega.

Apesar de tudo, Massena alimenta o sonho de chegar a Lisboa. A 1 de Outubro toma Coimbra que saqueia. Quilómetros à frente, depara como exército de Wellington que o obriga a recuar. Os seus soldados, desanimados por causa da fome, saqueiam as povoações circunvizinhas, chegando mesmo a desertar, para se organizarem em autênticos bandos de salteadores.

Enviado um reforço por Napoleão, Massena constatando que este era insuficiente para tal empresa, a 4 de março de 1811 resolve regressar a França travando ainda pelo caminho numerosos combates em Pombal, Redinha, Condeixa, Foz do Arouce, Ponte Mucela. Tentando depois manter-se nos flancos da Serra da Estrela daí é desalojado, vindo a atravessar a fronteira, sempre perseguido, a 8 de abril do mesmo ano. No regresso ao seu país, este homem cheio de ambição e de baixos instintos chega a esquecer a sua alta patente para se entregar ao saque como mais ínfimo dos seus soldados deixando, assim, atrás de si um rasto de ruína e de morte.

Santa Comba (a par) de Seia também não escapou ao vandalismo do exército de Massena. Atestam-no os danos causados na capela da Casa da Bica, as numerosas pilhagens e estragos que foram avaliados em 105 (mil) cruzados.

Uma lápide existente numa das propriedades do Dr. Sacadura Botte documenta a passagem dos franceses pela freguesia de Santa Comba que, inserida no Arciprestado de Seia, pertencia ao Bispado de Coimbra. Possuindo este, 290 paróquias, só 26 não foram contempladas com a visita dos soldados de Napoleão.

«Breve memória dos estragos causados no Bispado de Coimbra pelo Exército francês», relato conjunto dos párocos da época e coligido pelo provisor e governador do bispado informam-nos pormenorizadamente dos sofrimentos que velhos e novos padeceram e ou pereceram perante tamanha monstruosidade.

De corpos vivos rachados ao meio ao moer dos queixos, do arrancar das entranhas ao esmagar das cabeças, do esbrugar da carne do rosto ao queimarem vivos os corpos, em suma, nada de abominável existiu que os franceses não tivessem perpetrado.

Pendurados uns nas árvores para aí, maniatados, acabarem os seus dias, amarrados, outros em cepos para lhe romperem as veias, assim viriam a falecer muitos dos habitantes das Beiras.

Donzelas houve que permaneceram todo o da debaixo de água – apenas com a cabeça de fora – ao verem outras serem violadas nos braços dos próprios pais; uma, porém, afoga-se num rio e outra degola-se com uma faca para não serem vítimas das torpezas de um inimigo tão cruel.

Nos templos, nada escapou ao estrago e à pilhagem: destruíram altares e sacrários; mutilaram e queimaram imagens, profanaram vestes e vasos sagrados.

Ao grande bispo de Pinhel e da Guarda, D. José António de Mendonça Arrais, prelado natural de Seia e ligado a Santa Comba por seu pai «padroeiro» da sua igreja incendiaram o paço e a Sé. Este bispo, personalidade de grande relevo durante as invasões, motivou, já nos nossos dias, acesa polémica entre A. Castro Aragão e o Capitão António Dias, em virtude de ter preconizado o bom acolhimento para com os franceses, chegando até a considerá-los mensageiros divinos.

É o Doutor P. Quelhas Bigotte pároco e investigador ilustre das coisas de Seia que, após estudo minucioso das pastorais do insigne prelado na sua Monografia da Vila de Seia e depois no seu livro, D. José António de Mendonça Arrais – Grande Prelado e Grande Patriota, aproximando-se da tese do Cap. Dias, virá a esclarecer e a justificar à luz do contexto histórico, de uma vez para sempre, a atitude assumida pelo bispo de Pinhel e da Guarda.

Diz o Doutor Quelhas Bigotte que o prelado senense se limitou a seguir as diretrizes do rei D. João VI, que, antes de partir para o Brasil, perante um invencível exército, nem pensou sequer em opor-se-lhe, dando até ordens terminantes para que não fosse levada a efeito qualquer resistência e para que os invasores fossem bem recebidos. Medida acertada?... Tática prudente?... Diplomacia?... Oliveira Martins diz que D. João VI «fez o que pôde». Ora é neste contexto que se deve analisar a posição assumida do Bispo Mendonça Arrais, filho do «padroeiro» da igreja de Santa Comba aquando da entrada dos franceses em Portugal.

Mas se é certo que D. José preconizou o bom acolhimento para com os exércitos de Napoleão, também é certo que, vendo o procedimento destes «mensageiros do inferno» ao passarem na 3ª invasão o nosso território, lhes move uma perseguição feroz não só encorajando os seus diocesanos, «já que a sua idade não lhe permitia», mas também contribuindo com 2.090 cruzados, 730 côvados de pano, vários centos de pares de meias e de sapatos, 3 cavalos aparelhados e conseguindo do bispo da Cidade Rodrigo 700 espingardas, 80 quintais de pólvora, 1400 pedernais, servindo tudo para rearmar o regimento de milícias da Guarda.

Expulsos os franceses, da sua residência de Melo onde passou a viver em sinal de protesto contra o procedimento dos oficiais do corpo de voluntários da Guarda que fugiram ao aproximar-se o inimigo, começa o bispo a reorganização da sua diocese no campo espiritual.

Tinha razão o povo para se opor a quem espalhou por toda a parte a morte e a desolação; mas já sem forças, sem víveres, sem medicamentos e sem lar era acometido de febres, vivia na miséria e carecia de todo o socorro humano.

As ervas agrestes dos campos, cozidas em água sem sal e tempero, foram o alimento de muitos. Uma perda incalculável de gado originou a falta de estrume para a fertilização dos campos, a falta de carnes e de lã.

A devastação das árvores em especial da oliveira, foi de tal monta que levou largos anos a recuperar. Só na freguesia de Poiães foram cortados 2.126 pés e Miranda do Corvo 16.550. Em Paranhos «cujos habitantes são tão pobres que todos são oleiros» nada permaneceu intacto.

A colheita foi tão escassa que o milho chegou a 800 reis o alqueire e o feijão a 1.200 sendo, noutros anos, o preço ordinário do milho 400 reis e o feijão 500. Os preços aumentavam, as doenças proliferavam e a morte, de repente espreitava estas pessoas infelizes.

Segundo o mesmo relato dos párocos, houve paróquias nas quais metade da população faleceu e, em quase todas a terça parte. Em 1801 a população do bispado de Coimbra no qual se incluía Santa Comba, como já referimos atrás, era de 282.064 habitantes. Supõe-se que teria falecido com esta invasão um oitavo da população, ou seja, 35.258 pessoas.

«Assim desfalecera o povo à míngua erradio por entre matas e penedias de coração cortado pelos sustos e pavores, vítima da brutalidade de tais monstros cuja fome e sede de maldade pareciam insaciáveis.»

Ainda estudante, tomou parte nas invasões francesas, servindo na companhia de Artilharia e depois na 4ª de Infantaria, do Corpo Militar Académico, o Dr. Thiago Silva Albuquerque e Amaral de Almeida Cardoso que possuía bens e vínculos na Quinta da Bica e pai de outro Dr. Thiago que viria a casar em Santa Comba de Seia com D. Maria das Dores Gomes Abrantes.

In Porta da Estrela, nº 52 e 53 de 1/03/1980 e 15/03/1980 respectivamente.

Autor Dr. José António Fernandes Camelo